

A VIDA CULTURAL EM CAMPINAS NO SEGUNDO REINADO

Duílio Battistoni Filho

É inegável que, na História de Campinas, a cidade passa a ter uma projeção cultural, no Segundo Império, à medida que os fazendeiros começam a auferir lucros com a comercialização do café, imediatamente investidos em melhoramentos urbanos.

Terra de barões e de doutores, binômio perfeito, passa a se destacar como um dos maiores centros da aristocracia imperial do Brasil. O primeiro campineiro a receber o título de nobreza foi Joaquim Antonio de Arruda, em 1862, passando a ser chamado de Barão de Atibaia. Tamanha era a importância da cidade que, chegou a possuir vinte e um titulares, número este maior que o da própria cidade de São Paulo.

A riqueza do café propiciou a estes titulares, a construção de palacetes urbanos dotados de todo o requinte, como aquele de Felisberto Pinto Tavares, mais tarde adquirido pelo Barão de Ibitinga e que teve a honra de hospedar o imperador D. Pedro II, em 1846. O interesse dos novos barões em ter na cidade faustosas residências atraiu os mestres carpinteiros, engenheiros práticos capazes de grandes construções, como atestam os numerosos sobradões, alguns ainda existentes.

Com a inauguração da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em 1872, grande impulso teve a cidade em todos os setores. Assim, as comunicações com a capital foram facilitadas; o comércio foi favorecido, especialmente o de construção, com a abertura de casas especializadas com variado estoque de artigos para as mais diversas aplicações. Mesmo com a implantação da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, três anos mais tarde, a fisionomia da cidade se modifica, pois a estrada de ferro permite canalizar para cá toda a riqueza, todas as novidades e um bom contingente populacional. Com isso, as cidades se aproximam, assim como as pessoas, além de incrementar as relações comerciais e culturais.

Com a chegada, em 1879, do Dr. Ramos de Azevedo, eminente arquiteto formado na Bélgica, as perspectivas urbanas se alterariam com a construção de importantes edifícios públicos e religiosos, dentre eles, o Grupo Escolar Francisco Glicério, a Cadeia Nova, o palácio episcopal e o término, em 1883, da imponente catedral. Portanto, se destacam no meio do casario arcaico de largos beirais, as linhas avançadas e modernas destes novos edifícios.

Os solares urbanos se destacavam pelo fino acabamento externo, sendo alguns adornados de figuras de animais e majestosas grades de ferro que tanto embelezavam as sacadas. Alguns sobrados representam verdadeiras jóias arquitetônicas na época áurea do café. É quando a platibanda vai substituir o beiral, como o magnífico Palácio dos Azulejos, de 1878, com seus imensos salões dando num imenso jardim e uma abertura para que as carruagens pudessem entrar e sair. Está preservado e hoje abriga uma repartição da Prefeitura Municipal.

No início dos anos 80, o neoclássico se faz presente nesta arquitetura, caso do magnífico Palácio dos Alves (demolido), de 1882, obra de Próspero Belinfanti, italiano radicado em Campinas e que o embelezou inclusive com mármore de Carrara. Chegou a ser sede da Primeira Exposição Regional do Município de Campinas, em 1885, de repercussão nacional. Foi a residência durante muitos anos da família de Custódio Manoel Alves, daí a razão do nome.

Outro exemplo do neoclássico imperial foi a residência do Barão de Itapura, na rua Marechal Deodoro, cuja planta foi confiada ao engenheiro Luís Pucci. O edifício data de 1883, mas, infelizmente a sua fachada foi totalmente descaracterizada com inoportunos acréscimos. Alguns cursos da PUCCAMP funcionam ali.

Nestes solares o luxo campeia e as recepções são grandiosas e neles podemos observar pelas fotografias antigas objetos valiosíssimos: talheres de ouro e prata, bules com anéis de marfim, bandejas de prata tão pesadas que necessitavam duas pessoas para carregá-las. O visconde de Indaiatuba e os barões de Itapura, Atibaia e Itatiba não dispensavam as alfaias, quadros franceses e louças de Sevres. Conta-se que o Barão Geraldo de Rezende chegou ao cúmulo do exagero ao importar da França, maçanetas de cristal.

Nesta época, a sociedade campineira apresentava um índice tão alto de refinamento que, a podemos comparar com a sociedade que brilhava na Corte, sendo certo que a vida social campineira era superior às de outras cidades vizinhas. Os álbuns antigos revelam como a mulher vestia-se com apuro e elegância. O seu preparo intelectual e o alto grau de sociabilidade chamaram a atenção do visconde de Taunay, quando de sua passagem pela cidade, em 1865. Chegou mesmo a dizer que as mulheres campineiras eram mais expansivas e alegres que as da capital e que era muito grande o número de bailes e saraus.

A influência cultural francesa era enorme em Campinas no Segundo Reinado. O grande pólo de irradiação era a Casa Genoud, fundada em 1876, pelo francês Alfred Genoud, intelectual na acepção do termo que, procurava importar as novidades francesas, especialmente peças de vestuário, livros, brinquedos e instrumentos musicais. Era o centro da

intelectualidade campineira. Muitas famílias se correspondiam em francês e o mesmo Barão Geraldo de Rezende obrigava que a baronesa e as suas três filhas falassem e cantassem em francês como prova de bom gosto.

Com o progresso de Campinas, o grau de adiantamento, notadamente no campo educacional, é digno de relevo. Assim, começam a surgir os primeiros internatos, sendo o mais importante, o Colégio Florence, fundado a 3 de novembro de 1863, pela alemã Carolina Krug Florence e destinado exclusivamente à educação das meninas. O seu corpo docente era formado de intelectuais como: Francisco Rangel Pestana, Miguel Feitosa e Júlio Ribeiro, para citar alguns deles.

Com a vinda das missões presbiterianas norte-americanas a Campinas, no final dos anos 60, os ministros George Nash Morton e Edward Lane imediatamente fundam o Colégio Internacional aproveitando o grande progresso econômico da cidade, o aumento populacional e a localização de um bom número de emigrados norte-americanos, vindos após a Guerra de Secessão, para a região. Com o início das aulas, em 1872, puderam os alunos conhecer as novas práticas pedagógicas americanas, até então, desconhecidas pelos campineiros.

Depois de prestar relevantes serviços à comunidade, em virtude da epidemia da febre amarela que grassaria na cidade ao final dos anos 80, este Colégio foi obrigado a transferir-se para Lavras, no sul de Minas, onde existe até hoje, com o nome de Instituto Gammon.

Entretanto, o maior acontecimento na história educacional de Campinas, no Segundo Reinado, foi a fundação, em 1874, do Colégio Culto à Ciência, obra de cidadãos eméritos ligados aos ideais positivistas e que, em 1894 passaria para o governo estadual. Foi em torno deste estabelecimento de ensino que a população culta campineira pode se desenvolver ao lado de um corpo docente rico e uma excelente biblioteca.

De grande importância para a vida cultural e artística da cidade, foi a construção, em 1850, do Teatro São Carlos. Era uma construção bonita e espaçosa, com ordens de camarotes e galerias. A platéia era para trezentos lugares. Havia um salão para reuniões. O viajante português, Augusto Emílio Zaluar, ao visitar Campinas, em 1860, observou que o teatro era superior ao da capital, pela sua grandiosidade e beleza.

Espectáculos de boa categoria e de grande variedade como óperas, operetas, dramas, comédias, sessões de música e de prestigitação foram levados nesta casa de espetáculos, com a participação de renomadas companhias estrangeiras. Um dos grandes acontecimentos foi a apresentação da artista francesa Sarah Bernhardt, em 1886, quando ali se apresentou com a Dama das Camélias.

No campo musical a maior expressão foi o maestro e compositor Antonio Carlos Gomes (1836-1896). Desde menino mostrou pendores

para o estudo do piano, graças à influência de seu pai, o maestro Manuel José Gomes, o primeiro professor de música da região.

Carlos Gomes era grande admirador de Verdi e do romantismo europeu. O imperador D. Pedro II sentindo o enorme talento do rapaz ofereceu-lhe uma bolsa de estudos para aperfeiçoar os seus estudos na Itália. Depois de algum tempo estudando no Conservatório Nacional do Rio de Janeiro, Carlos Gomes foi estudar em Milão. Compositor de mérito, encontrou no bel canto, o meio de expressão para desenvolver o seu gênio de melodista. Sua extensa obra revela vigor dramático, imaginação e sensibilidade. Ao lado de aprimorada técnica operística em obras como: Maria Tudor, Salvador Rosa, Fosca e Guarani, compôs peças para piano, para canto, inclusive modinhas como a conhecida "Tão longe de mim distante".

Quando vinha a Campinas era comum passar pelos salões da Casa Livro Azul, onde permanecia horas dedilhando algumas fantasias no piano ou conversando com amigos e admiradores.

Importante papel tiveram os grêmios musicais de Campinas, destacando-se o Clube Mozart, fundado em 1882. Primava pela organização, com estatutos próprios, realizando saraus trimestrais muito concorridos e sempre divulgando autores, especialmente nacionais.

Também se salientaram as bandas musicais e a primeira delas foi a de Manuel José Gomes, a chamada Orquestra e Banda Campineira e que, em 1846, recebeu referências encomiásticas do imperador D. Pedro II. Em 1857 fundava-se a Filarmônica somente de senhoras. Outras foram surgindo como a Sociedade Carlos Gomes (1878) e a Banda Italiana (1881). Algumas delas foram formadas nas fazendas como a Sociedade Musical Mato Dentro e a da Fazenda Santa Maria. Esta última chegou a abrilhantar os festejos de inauguração da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

A mais antiga agremiação social de Campinas foi o Clube Semanal de Cultura Artística, fundado em 1857 e que inicialmente contou somente com dezesseis associados, escolhidos depois de criteriosa seleção. O novo clube promovia suas reuniões culturais, nas residências destes sócios, animadas por pequenos grupos orquestrais. Com o crescimento do corpo associativo, novo prédio foi construído na esquina das ruas Regente Feijó e Barreto Leme, tendo o seu primeiro baile, realizado a 1^o de janeiro de 1873.

Um exame dos jornais da época revela como as festas eram empolgantes e muito comentadas. O clube realizava saraus tão a gosto da época, onde intercalavam música e poesia, debates sobre literatura, homenagens a autores e personalidades importantes. A sua biblioteca uma das mais ricas da cidade, era muito freqüentada.

O setor de Imprensa foi um dos mais ativos em Campinas. Suas origens estão ligadas às atividades de Hércules Florence (1804-1879),

intelectual francês radicado na cidade e que iniciaria o ensino do desenho artístico aos jovens campineiros. Aliás, sua documentação visual sobre costumes paulistas é riquíssima a ponto do historiador Afonso d'Escragolle Taunay chamá-lo de "Patriarca da Iconografia Paulista". Em 1833 com o auxílio do botânico Joaquim Corrêa de Melo descobriu um processo para fixar imagens por meio de sais e nitrato de prata, culminando com a invenção da Fotografia. Pois bem, em 1836, compra no Rio de Janeiro uma tipografia que mais tarde seria adquirida pelos irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, os quais dariam início à feitura do primeiro jornal aparecido na terra, "Aurora Campineira", em 1858.

Com apenas dois anos de vida cessava a sua publicação para surgir com o nome de O Conservador, em 1860, ainda de propriedade dos irmãos Teodoro. Por circunstâncias várias, este semanário, seis meses depois deixaria de circular.

Somente em 1869 surgia a Gazeta de Campinas, obra do poeta e advogado Francisco Quirino dos Santos e que saía as quinta-feiras e domingos. Somente a partir de 1879 passou a ser editada diariamente e assim permaneceu até 1889, quando cessou de circular, reaparecendo em 1921 e permanecendo até 1930, quando por razões políticas foi empastelado.

De suas oficinas saiu o primeiro livro impresso em Campinas, o Almanack de Campinas para 1870, obra do jornalista José Maria Lisboa, de 176 páginas, contendo informações gerais sobre a cidade. Cumpre assinalar que muitos literatos campineiros iniciaram sua carreira escrevendo em suas páginas. A Literatura passa a ser melhor divulgada e lia-se muito folhetim de Alexandre Dumas para baixo: Raoul de Navery, Jules Sandiou, Otave Feuillet, Júlio Ribeiro e outros.

Chamam-nos a atenção, notícias literárias, compra e venda de livros, e autores consagrados como, Zola, Eça de Queirós, Machado de Assis, Lamartine, Daudet, Musset e Balzac, passam a ser melhor divulgados. A "Genoud" constantemente anunciava em suas páginas, as últimas novidades recebidas de Paris.

Outros jornais surgiriam no final do século passado como: O Constitucional (1874), Diário de Campinas (1875) e o Correio de Campinas (1885). Foram jornais de tendência as mais variadas: abolicionistas, monarquistas, republicanos, conservadores ou liberais.

Para terminar, podemos dizer que Campinas foi um dos maiores centros culturais da Província de São Paulo, graças à sua pujança econômica e à sua gente imbuída de um forte espírito de brasilidade voltado para os mais nobres ideais.